

# Exílios, diásporas e seus desdobramentos imprescindíveis na pesquisa literária

Cláudio R. V. Braga\*  
Priscila Campolina de Sá Campello\*\*

Nesta edição de **Scripta**, propusemos à comunidade acadêmica o desafio de refletir sobre exílios e diásporas na literatura. Tratou-se, de fato, de um desafio, tendo em vista o crescente aprofundamento e a sofisticação das pesquisas mundiais que versam sobre as relações entre as mais diversas teorias da mobilidade humana e a representação literária. Para Tim Cresswell (2006), a mobilidade surge como disciplina interdisciplinar de peso a partir de 1996, quando a pesquisa passa a ser guiada por uma agenda que estabelece as noções de “virada da mobilidade” e “paradigma das novas mobilidades”.

Entretanto, para os que pesquisam diáspora e exílio, a data mencionada por Cresswell é apenas uma dentre várias referências. Podemos voltar, por exemplo, aos anos 1960 e observar que o interesse nessas teorias já se fortalecia. Ou então podemos avançar um pouco no tempo, nos anos 2000, a fim de verificar como o prestígio das teorias da diáspora e do exílio se torna compreensível, a partir das teorizações de John Urry (2011): jamais, na história humana, observou-se tamanho deslocamento de pessoas pelo planeta. Urry (2011) assegura que a estimativa atual indica que um bilhão de indivíduos estejam viajando internacionalmente, de maneira legal, comparados com 25 milhões em 1950. Imaginemos um número consideravelmente maior se somarmos os refugiados e trabalhadores ilegais que também cruzam as fronteiras em busca de sobrevivência.

Assim, diáspora e exílio se tornaram nossas opções teórico-interpretativas, o que, de forma alguma, implica a supressão de termos da mesma família teórica, como a migração, a imigração, o nomadismo, o transnacionalismo, a globalização e o pós-colonialismo, que, contrastados, proporcionam ricas interseções. Mas diáspora e exílio, em especial, são, hoje, opções reconhecidas por constituírem

---

\* Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Professor Adjunto e Pesquisador em literaturas de língua inglesa.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras.

estratégias profícuas de leitura do mundo, fontes de relevantes questionamentos de pesquisa e de debates que se desdobram, trazendo à baila inúmeros subtemas igualmente relevantes. Poderíamos destacar alguns desses “desdobramentos imprescindíveis”, somente no universo dos textos reunidos nesta edição.

O primeiro deles é a nação e seu caráter imaginado, conforme proposto por Benedict Anderson, em 1983, em “Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo”, repercutindo a elaboração de um nacionalismo politicamente construído, responsável por definir as identidades nacionais. Junto à nação e ao nacionalismo, observam-se a etnicidade e o grupo étnico, em discussões que enfatizam, sobretudo, a questão coletiva, assim como a diáspora, a fim de estudar, como Richard Alonzo Schermerhorn (1970) mostrou, a existência de coletividades com ancestralidade comum, comprovada ou suposta, com memórias de um passado histórico comum e um foco cultural nos elementos simbólicos que definem sua consciência como povo (SCHERMERHORN, 1970, p. 12). Além da memória e da alteridade, os estudos da etnicidade proporcionam inúmeras conexões com os teóricos da identidade, que podem ser exemplificadas aqui com o aclamado trabalho de Stuart Hall (1990), para quem identidade e identificação estão totalmente ligadas à mobilidade. Foi Hall quem afirmou que são as rotas — *routes* — e não as raízes — *roots* — que determinam o processo de construção do *self*.

Nação, nacionalismo, identidade e etnicidade passam obrigatoriamente pelas questões da língua e da comunicação, que figuram como fonte inesgotável de reflexões no campo da diáspora e do exílio em relação com a literatura. Pensemos, primeiramente, a questão linguística a partir de Jonathan Culler (1999), que pondera como obras literárias, particularmente os romances, “ajudaram a criar comunidades nacionais através de sua postulação de, e apelo a, uma comunidade ampla de leitores, limitada, mas em princípio aberta a todos que podiam ler a língua” (CULLER, 1999, p. 43). E pensemos, em segundo lugar, a partir de Salman Rushdie (1991), que discorre sobre como o escritor movente, ao transitar entre diferentes línguas e culturas, subverte a ordem linguística do Estado-Nação, em um processo de perdas e ganhos que levou o autor a cunhar a expressão “*homens traduzidos*” para se referir a pessoas de identidades hifenizadas, transferidas forçosamente de um lugar para outro, submetidas a uma outra língua e destituídas de seu lar.

Na mobilidade, seja ela diaspórica ou exílica, a cultura e as trocas culturais, o poder e a política são parte de um conjunto de experiências que afetam todas as questões que aqui comentamos brevemente, a título de exemplificação. Somados, nação, nacionalismo, identidade, etnicidade e língua espelham a consciência exílica e diaspórica dos indivíduos e povos moventes, cuja experiência de mobilidade enseja os chamados traumas do deslocamento. Por estarem localizados no cerne das literaturas diaspóricas e exílicas, observamos que sua leitura e discussão estão longe de serem encerradas. Pelo contrário, tornam-se cada vez mais prementes, não somente por parte dos leitores e pesquisadores, que, após uma experiência pessoal de mobilidade, se identificam com elas, mas também por aqueles que desejam apreender o olhar diferenciado dos escritores diaspóricos e exilados, um olhar capaz de surpreender pela agudeza com que constroem suas representações de mundo. Por meio dessas representações e de sua pesquisa, pensamos a partir de detalhes particulares que impactam o todo; pensamos as grandes questões humanas, em busca de melhor entendimento do mundo, do ser humano e dos rumos da humanidade no século XXI.

Portanto, reunimos um conjunto de trabalhos que surpreende pela diversificação de abordagens, ainda que agregadas tematicamente em torno dos exílios e diásporas literariamente representados, mas que perpassam criticamente territórios como África do Sul, Brasil, Djibouti, Estados Unidos, México, Moçambique, Nigéria e Portugal. Além disso, perpassam criticamente o tempo histórico, emaranhando o passado, o presente e o futuro.

Começando com poesia e exílio, Renata Ribeiro Lima e Marcélia Guimarães Paiva, em “O papel do exílio na configuração do nacionalismo de Gonçalves Dias” e “Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia brasileira”, refletem sobre a relevante tradição dos poemas que versam sobre exílio, no contexto brasileiro. De forma geral, trata-se de poemas compostos por poetas que vivenciam o exílio e por isso adquirem a chamada consciência exílica, isto é, têm sua percepção de mundo ampliada, tanto pelo exílio concretamente realizado, quanto pelo exílio abstrato, no interior do indivíduo.

Também discorrendo sobre poesia, Alessandro Barnabé Ferreira Santos, em “Entre o sujeito e a paisagem: o dedo sujo de Jorge de Sena”, se ocupa da apreciação dos versos prosaicos desse poeta português em sua “peregrinação infecta” pelo Brasil e pelos Estados Unidos. O autor destaca, em seu artigo, o diálogo entre poesia e paisagem, a partir de Michel Collot e da Geografia Humanista-Cultural, para examinar os poemas de Sena.

Em seguida, apresentamos uma série de textos focados no exame da prosa exílica e diaspórica. A vinculação entre exílio e identidade é especialmente examinada em três artigos. “Trânsitos e vivências nos romances de Mia Couto”, de Daniela de Brito, avalia que o lugar da identidade na obra de Couto é a viagem. O autor moçambicano aborda a pluralidade de etnias, de crenças e de idiomas nas trocas culturais ao longo da colonização e da descolonização de Moçambique. O artigo investiga, em três romances de Couto, a conexão entre deslocamentos e identidade, a partir de contatos da personagem viajante que podem, ou não, subverter sua condição de estrangeira. “Exílio e (re)construção da identidade em **A Question of Power**” traz um estudo sobre a mulher fruto da sociedade sul-africana na época do *Apartheid*. Renata Santos de Morales, Noeli Reck Maggi e Juliana Figueiró Ramiro observam que Bessie Head, autora da obra, constrói sua protagonista em processo de desintegração e de reconstrução de sua identidade na experiência do exílio. O artigo desenvolve uma reflexão sobre como discriminação, isolamento e conflitos culturais se articulam em relações de poder e de alteridade na condição da mulher exilada e sobre o modo como essa condição perpassa seu processo de (re)identificação pessoal. Valéria Silveira Brisolara, em “Identidade e construção de autoria em uma língua adicional: as memórias ou autobiografias de linguagem”, destaca a relação entre exílio e identidade a partir da escrita em uma língua adicional, que é apreendida para então ser utilizada como meio de expressão literária. Nas narrativas analisadas, a língua adicional afeta a identidade ao tematizar o exílio e fazer dele matéria-prima para a escrita. Além de língua adicional, identidade e exílio, o artigo discute também os conceitos de memórias e autobiografias de linguagem.

Reelaborando de maneira pertinente as noções de exílio e diáspora na literatura, três artigos focalizam a experiência da viagem como premissa para o estudo da prosa movente. Em “A viagem como experiência traumática na ficção **Paisagem de porcelana**, de Claudia Nina”, Bruno Cardoso analisa estratégias narrativas utilizadas para conceber a viagem de uma protagonista-narradora construída na perspectiva que caracteriza as narrativas de viagem. O artigo constrói o argumento de que a narradora, ao recordar o trauma, produz um discurso capaz de criar a possibilidade de superação pela criação ficcional. Erica Rodrigues Fontes, em “Viagem ao centro de si mesmo: exílio, busca da identidade e autoria em **A chave de casa e Opisanie Swiata**”, examina esses romances à luz da necessidade de deslocamento de protagonistas desenraizados. Na busca por identificações e pelas

origens de família, são surpreendidos no caminho por situações inesperadas, que intensificam e amenizam, ao mesmo tempo, as marcas de um passado exílico. No artigo “Viagens e percursos de afro-brasileiros na África em finais do século XIX”, Édimo de Almeida Pereira oferece um estudo sobre o romance **A casa da água**, de Antônio Olinto (1988), que recria ficcionalmente a jornada de afro-brasileiros à África. Estranheza, hospitalidade e conflitos decorrentes da instalação nas cidades da Costa dos Escravos, de onde seus antepassados haviam sido levados, marcam a experiência do grupo. O artigo investiga a relação entre afro-brasileiros e africanos a partir das noções derridianas de hospitalidade e de “hos-ti-pitalidade”, que corroboram a circunstância em que a hospitalidade é maculada pela hostilidade.

Além das relações já comentadas da prosa exílico-diaspórica com a identidade e com a viagem, outras conexões criativas podem ser observadas nos artigos de Alice Botelho Peixoto e María DeGuzmán. Exílio e nomadismo, por exemplo, são interligados em “Nomadisme et exil dans l’œuvre d’Abdourahman A. Waberi”. A autora Alice Botelho Peixoto interpreta a obra de Waberi por duas vias: a partir do nomadismo tradicional de povos africanos da região conhecida como Chifre da África e a partir da compreensão do exílio, para concluir que Waberi ficcionaliza a figura do migrante cosmopolita. O artigo também avalia a prosa poética e a existência de uma voz narrativa única que vincula as obras escolhidas para a análise. María DeGuzmán trabalha exílio e representação em “Fatal hieroglyph: Mexico for writers of exile Malcolm Lowry and William Burroughs”. No artigo, a autora pondera que o México é representado como uma terra de hieróglifos fatais, o que, na perspectiva ficcional de Lowry e Burroughs, possibilita o exorcismo de demônios pessoais e culturais. Esses autores se baseiam em uma tradição de estereótipos e de uma perspectiva primitivista do México. Mas suas ficções também possibilitam, de acordo com a autora do artigo, modos alternativos de conhecimento, de criação de símbolos e de antinarração.

Outra conexão criativa, dessa vez entre a literatura e a noção de errância, pode ser observada no artigo de Marcela Ferreira Silva. “Lutar com palavras entre ruínas: narrativa e errância em **Flores artificiais** de Luiz Ruffato” parte das relações entre sujeito, espaço e trânsito, especialmente urbanos, que permeiam a literatura brasileira contemporânea, povoada de personagens em movimento, que não se fixam em lugar algum. Intimidade e pertencimento são problematizados pela autora na discussão desse romance de 2014, além das fronteiras que definem narrativas na contemporaneidade.

Ao final da seção de artigos, trazemos dois trabalhos que relacionam literatura, imigração e diáspora. “Cruzando fronteiras linguísticas, culturais e geográficas: narrativas diaspóricas na ficção de Julia Alvarez”, de Tito Matias-Ferreira, Jr., investiga o sujeito ficcional na diáspora representado pela escritora estadunidense de origem dominicana Julia Alvarez, cuja prosa retrata as negociações culturais como questões relevantes na vida do imigrante. Focaliza-se a significância da escrita das reminiscências do âmbito familiar, a forma como a escrita pode conectar imigrantes e a questão linguística na construção da identidade imigrante. Maria Isabel Edom Pires e Maria Zilda Ferreira Cury, autoras de “‘O profeta’, de Samuel Rawet: moldura narrativa, corte cinematográfico e cena expressionista”, também focalizam o imigrante e sua condição, mas o fazem comparativamente, ao traçar paralelos entre o conto “O profeta”, de Rawet, e a obra do pintor Lasar Segall. A abordagem intermediária das autoras proporciona a leitura de elementos picturais da viagem do imigrante e das visões da guerra, assim como os cortes e a montagem que indicam procedimentos cinematográficos, levando à conclusão de que tais elementos contribuem para a perspectiva seccionada a partir da qual se vê o imigrante, para a ruptura da sua figura na sociedade que o recebe e para a dificuldade que ele encontra de partilhar a experiência da guerra.

Na seção seguinte, a resenha de Cid Ottoni Bylaardt sobre **Caminho como uma casa em chamas**, de António Lobo Antunes, avalia a obra em questão a partir de sua estrutura inovadora: um romance que se constrói como um edifício de apartamentos. Os capítulos se apresentam como contos, semelhantes entre si em termos formais, mas escondendo dessemelhanças. O resenhista avalia as vozes narrativas dos moradores do apartamento, o intrigante título da obra e a configuração de uma “atmosfera de desastre, de maus presságios, de inconclusão”.

Finalmente, na seção de entrevista, Pauline Kaldas fala sobre as contribuições das literaturas escritas por imigrantes, especialmente sobre como a escrita imigrante suscita o pensamento sobre a perda do lar de origem. Kaldas também oferece seu ponto de vista sobre as literaturas étnicas sendo apropriadas pelo mercado como *commodities*, o que, para ela, nem sempre acontece. Sobre a escrita imigrante como legado para descendentes, a autora lembra que a experiência da imigração causa impacto nas gerações seguintes, em sua identidade e sua noção de pertencimento. Kaldas também expõe seu pensamento sobre as especificidades da condição feminina no exílio, especialmente ligadas ao trabalho exercido na nova terra, e finaliza comentando o papel da língua na literatura de imigrantes.

Assim sendo, convidamos nossos leitores para adentrar os detalhes deste conjunto de contribuições neste número de **Scripta**, cuidadosamente selecionadas por nossa equipe de pareceristas. Esse conjunto representa, podemos dizer, relevante amostra do pensamento contemporâneo sobre exílios e diásporas na literatura, como pudemos detectar no decorrer da elaboração desta edição. Desejamos uma boa leitura a todos.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CRESSWELL, Tim. **On the Move**: mobility in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

CULLER, Jonathan D. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução de Sônia Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity**: community, culture, difference. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.

RUSHDIE, Salman. Imaginary Homelands. In: RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands**: essays and criticism. New York: Penguin, 1991. p. 9-21.

SCHERMERHORN, Richard Alonzo. **Comparative Ethnic Relations**: a framework for theory and research. New York: Random House, 1970.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge, UK: Polity, 2011.